

Esta história é trazida a você por Ririro.com/pt gratuitamente. A nossa missão é oferecer a todas as crianças do mundo acesso grátis a uma variedade de histórias. As histórias podem ser lidas, baixadas e impressas on-line e abrangem uma ampla variedade de tópicos, incluindo animais, fantasia, ciência, história, culturas diversas e muito mais.

Apoie a nossa missão compartilhando o nosso site. Desejamos-lhe muita leitura divertida!



Ririro

A IMAGINAÇÃO É MAIS IMPORTANTE QUE O CONHECIMENTO

Ririro

Cupido e Psiquê

Era uma vez um rei que tinha três filhas. As duas mais velhas eram muito bonitas e atraíam muitos pretendentes, mas a caçula era tão bela que se sussurrava na cidade que ela era ainda mais linda que a deusa Afrodite. Quando ela caminhava pelas ruas, os homens se inclinavam até o chão, como se a própria Afrodite estivesse passando.

Quando Afrodite soube da bela Psiquê, ficou furiosa e pensou em um plano. Para isso, precisaria de seu filho, Cupido.

"Venha comigo", disse ela quando Cupido chegou, "tenho algo para te mostrar". Os dois voaram pelo ar até chegarem ao palácio onde Psiquê dormia.

"Essa é a jovem que os homens adoram, mas deveriam adorar apenas a mim", sussurrou Afrodite com seus olhos cinzentos cintilando como fogo. "Trouxe você aqui para que me vingue, ferindo-a com uma flecha que fará seu coração se apaixonar por um dos homens mais simples."

Cupido olhou para a jovem adormecida e rapidamente entendeu por que todos os homens a adoravam.

"Não vou fazer isso", murmurou ele, "não vou fazer com que você se apaixone por um homem ruim. De mim e de minhas flechas, você está a salvo. Mas eu estarei seguro das suas?" E então ele partiu.

Se Afrodite não fosse uma deusa e soubesse um pouco mais sobre os corações dos homens, talvez não invejasse tanto Psiquê. Embora todos admirassem sua beleza, ninguém a pedia em casamento. Eles achavam que ela era bonita demais para eles. Assim, enquanto suas irmãs tinham lares e filhos, Psiquê permanecia sozinha no palácio de seu pai.

O rei ficou preocupado à medida que os meses e anos se passavam e Psiquê já estava além da idade em que as meninas gregas normalmente se casavam. Ele convocou alguns sábios para aconselhá-lo, mas eles balançaram a cabeça e o aconselharam a consultar o oráculo de seus antepassados. Então, ele foi ao oráculo.

Dez dias depois, ele voltou à cidade de cabeça baixa e com o rosto pálido. A rainha, com o coração ansioso, estava esperando por sua chegada.

"O que aconteceu?" perguntou ela ao cumprimentá-lo.

"O oráculo falou", respondeu ele. "Psiquê será deixada em uma rocha e um monstro horrível irá devorá-la!"

Naquela noite, uma triste procissão deixou os portões da cidade, e no meio estava Psiquê, vestida com roupas pretas, guiada por seu pai, enquanto sua mãe seguia chorando atrás.

O sol estava nascendo quando chegaram à rocha nua no topo de uma alta montanha, onde o oráculo havia dito que Psiquê deveria ser deixada para perecer. Seu pai e sua mãe a abraçaram pela última vez e, embora tenham chorado amargamente, ela não derramou uma lágrima. Qual era o sentido? Era a vontade dos deuses, e assim tinha que ser!

Logo todos partiram e Psiquê se encostou na rocha, tremendo de medo, pensando no monstro. Ela estava muito cansada; o caminho até a montanha tinha sido longo, e ela estava exausta pela tristeza. Um sono profundo a envolveu e, por um momento, suas tristezas foram esquecidas.

Enquanto ela dormia, Cupido estava vigiando-a. Ele a carregou montanha abaixo e a deitou em uma cama de lírios no vale.

Enquanto ela dormia, sonhos agradáveis flutuaram por sua mente, e seus terrores e tristezas foram esquecidos. Ela acordou sentindo-se feliz, embora não soubesse dizer por quê, pois estava em um lugar

estranho e sozinha. À distância, através das árvores, a bruma de uma fonte brilhava branca, e ela se levantou e caminhou

lentamente em sua direção. Ao lado da fonte havia um palácio, muito mais fino do que o que Psiquê tinha vivido, pois aquele era construído de pedra, enquanto este era todo de

marfim e ouro. Cheia de

admiração, misturada com um pouco de medo, ela entrou pela porta.

"Este palácio é tão grande quanto uma cidade", disse a jovem enquanto passava de sala em sala. "Mas que estranho não haver ninguém aqui para desfrutar de todos esses tesouros ou para guardá-los!"



Do silêncio, uma voz respondeu: "O palácio é seu, senhora. Basta ordenar, e obedeceremos".

Psiquê não estava mais assustada e, feliz, tomou banho e dormiu. Quando abriu os olhos, viu uma mesa coberta de comida e vinho. E embora ouvisse vozes, não viu ninguém. As horas passaram rapidamente e o sol estava se pondo quando, de repente, um véu de tecido dourado foi colocado em sua cabeça, e, ao mesmo tempo, uma voz que ela não havia ouvido antes falou: "Molhe suas mãos nesta água sagrada". E Psiquê obedeceu, e, enquanto seus dedos afundavam na bacia, sentiu um leve toque, como se outros dedos estivessem ali também.

"Parta este bolo e coma metade", disse a voz novamente. E Psiquê assim o fez, e viu que o restante do bolo desaparecia pedaço por pedaço, como se alguém mais estivesse comendo também.

"Agora você é minha esposa, Psiquê", a voz sussurrou suavemente, "mas ouça o que eu digo: suas irmãs virão procurar por você, mas o amor delas por você não é puro. Se elas a encontrarem aqui, não responda às suas perguntas ou levante os olhos para elas."

Psiquê prometeu que obedeceria e as semanas passaram. Mas, uma manhã, ela de repente se sentiu solitária e começou a chorar ao pensar que nunca mais veria os rostos de suas irmãs ou sequer lhes diria que estava viva.

"O que foi?", perguntou seu marido gentilmente, e ela sentiu dedos suaves acariciando seu cabelo.

Então, Psiquê despejou todas as suas angústias. Como poderia ser feliz, mesmo nesse belo lugar, quando suas

irmãs estavam de luto por sua perda? Se ela pudesse vê-las apenas uma vez, se pudesse apenas dizer-lhes que estava segura, não iria pedir mais nada. Se não pudesse — era uma pena o monstro não tê-la devorado. "Você fará o que desejar", ele disse, "embora eu tema que isso cause mal. Chame suas irmãs, se quiser, e dê-lhes tudo o que o palácio contém. Mas, mais uma vez, deixo claro que, se você responder às perguntas delas, seremos separados para sempre."

"Não seremos", exclamou Psiquê, abraçando seu marido. "Seja você quem for, não vou desistir de você, nem mesmo pelo deus Cupido. Não contarei nada a elas."

Na manhã seguinte, as duas irmãs estavam sentadas na rocha. "Psiquê! Psiquê!", elas gritavam, e as montanhas ecoavam "Psiquê! Psiquê!", mas nenhum outro som respondeu a elas. De repente, sentiram-se sutilmente erguidas da terra e levadas pelo ar até a porta do palácio, onde Psiquê as estava esperando.

"Psiquê! Psiquê!" elas gritaram novamente, mas desta vez com alegria e admiração.

Depois que suas irmãs lhe contaram tudo o que tinham para contar, Psiquê as convidou a conhecer o palácio. Ao ver toda aquela riqueza e esplendor, o ciúme começou a crescer em seus corações, junto com a curiosidade. Elas se entreolharam, e os olhares trocados não prometiam nada de bom para Psiquê.

"Mas onde está seu marido?", perguntou a mais velha.

"Nós o veremos?" perguntou a outra.

As perguntas de suas irmãs lembraram a Psiquê o perigo contra o qual ela havia sido alertada, e ela respondeu apressadamente: "Ah, ele é jovem e muito bonito. Mas

passa muito tempo caçando". As irmãs passaram várias horas juntas e depois foram embora.

"Por que a Fortuna a tratou de maneira tão diferente de nós?", chorou a mais velha. "Por que ela deveria ter tantas riquezas e estar casada com um homem jovem e bonito?"

"Sim, isso não é justo", lamentou a outra irmã. "Não diremos nada ao nosso pai e mãe sobre as honras que o Destino lhe concedeu. Em vez disso, devemos considerar como humilhá-la e derrubá-la."

Enquanto isso, a noite havia caído, e o marido de Psiquê veio ao seu lado.

"Você lembrou dos meus avisos?", ele perguntou, "e recusou responder às perguntas de suas irmãs?"

"Oh, sim", exclamou Psiquê. "Eu não contei nada do que elas queriam saber. Eu disse que você era jovem e bonito, e me dava as coisas mais lindas do mundo, mas que elas não poderiam vê-lo hoje, porque você estava caçando nas montanhas."

"Muito bem", suspirou ele. "Mas, neste momento, elas estão tramando como irão destruí-la, instilando em seu coração a curiosidade delas. Um dia, você pedirá para ver meu rosto. Mas, no momento em que fizer isso, desaparecerei para sempre."

"Ah, você não confia em mim", chorou Psiquê. "Mas eu já mostrei a você que posso permanecer em silêncio! Deixe-me provar novamente trazendo minhas irmãs mais uma vez."

Seu marido se recusou a conceder o que ela pediu, mas finalmente lhe disse que ela poderia vê-las mais uma

vez. Ansiosas, elas correram pelo jardim até o palácio e saudaram Psiquê com calorosos abraços.

Enquanto comiam frutas sob as árvores, perto da fonte, a irmã mais velha falou: 'Me entristece que você seja vítima de tanto engano.'

'O que você quer dizer?' perguntou Psiquê. 'Ninguém está me enganando, e nenhuma deusa poderia ser mais feliz do que eu.'

'Seu marido não é quem você pensa que ele é. Ele é uma enorme serpente cujo pescoço incha de veneno e cuja língua lança veneno. Os homens que trabalham no campo o viram nadando através do rio ao cair da noite.'

Os soluços e palavras delas convenceram Psiquê, que caiu na armadilha.

'É verdade,' disse ela, 'que eu nunca vi o rosto do meu marido. As palavras dele são sempre doces e gentis, e seu toque em nada se assemelha à pele de uma serpente. Não é fácil acreditar; mas se for verdade, por favor, me ajudem.'

'É por isso que estamos aqui,' respondeu a mais velha; 'e é isso que você deve fazer. Esta noite mesmo, pegue uma faca afiada e esconda-a. Depois que a serpente estiver profundamente adormecida, corte sua cabeça.' E então suas irmãs partiram.

Sozinha, Psiquê pensou que talvez suas irmãs estivessem erradas afinal. Mas sua confiança nelas era forte, e à medida que a noite se aproximava, ela se preparou.

Quando seu marido voltou para casa, ele logo se deitou no sofá e adormeceu profundamente. Então, Psiquê pegou uma vela e caminhou até o sofá, para sua surpresa, ela não viu uma serpente enorme e horrenda,

mas o mais belo entre todos os deuses, o próprio Cupido. Em sua surpresa, ela deixou a vela cair, e a cera quente caiu no ombro de Cupido.

A dor e sua presença o acordaram, e ele fugiu. Psiquê ficou com o coração partido e buscou o esquecimento eterno no rio. Mas o rio a carregou suavemente e a colocou em uma margem de flores. Quando ela acordou, decidiu vagar noite e dia pelo mundo até encontrar seu marido.

Com desespero na alma, Psiquê vagou de um lugar a outro, sem saber e sem se importar para onde seus pés a levavam. Então, um dia, ela foi rastreada e capturada por um dos servos de Afrodite, que a arrastou pelos cabelos até a deusa. Lá, ela foi espancada e ridicularizada. Então foi dada uma tarefa impossível de realizar.

Psiquê sabia que não poderia completar a tarefa e pensou que com certeza seria morta, mas a morte seria bem-vinda; e então deitou seu corpo cansado no chão e dormiu. Naquele momento, uma pequena formiga, que estava passando pelo armazém em direção aos campos, a viu e foi buscar todos os seus irmãos, ordenando que tivessem piedade da donzela e fizessem o trabalho que fora dado a ela.

Ao pôr do sol, cada grão estava separado e colocado em seu próprio saco. Psiquê esperou tremendo por Afrodite, pois sentia que nada do que fizesse a agradaria.

‘Muito bem, onde estão minhas sementes?’ gritou Afrodite. Psiquê apontou silenciosamente para a fileira de sacos encostados na parede. A deusa ficou pálida de raiva e gritou violentamente: ‘Criatura miserável, não

foram suas mãos que fizeram isso! Você não escapará da minha ira tão facilmente!’

Na manhã seguinte, a deusa tinha outra tarefa para a garota. ‘Ali na beira do rio, há ovelhas cuja lã é macia como seda e brilhante como ouro. Antes da noite, quero que você traga de volta o suficiente dessa lã para que eu faça um manto. E não acho que desta vez você encontrará alguém para fazer o trabalho por você!’

Então, Psiquê foi em direção ao rio, que parecia tão límpido e fresco que ela entrou na água para descansar. Mas um junco cantou para ela, e sua canção dizia: ‘Oh, Psiquê, esconda-se até o entardecer, pois as ovelhas ficam enlouquecidas com o calor do sol. Mas quando o ar esfriar, elas adormecem, e você pode recolher toda a lã que quiser.’

Psiquê agradeceu ao junco e trouxe a lã em segurança de volta para a deusa. Afrodite ficou furiosa e ordenou que ela fosse ao topo de uma montanha e enchesse uma urna de cristal com água negra que jorrava entre paredes de rocha lisa. E Psiquê foi de bom grado, pensando que desta vez certamente morreria.

Mas uma águia que estava pairando sobre esse lugar terrível veio em seu socorro, pegou a urna dela e voou até a fonte, que era guardada por dois horríveis dragões. Foi necessário todo o seu vigor e habilidade para passar por eles.

Alegremente, a águia trouxe a urna de volta para Psiquê, que a carregou de volta com cuidado. Mas Afrodite ainda não estava satisfeita. Repetidas vezes, ela encontrou novos trabalhos para Psiquê, esperando que

cada um a levasse à morte, embora sempre os pássaros ou os animais tivessem compaixão dela.

Se Cupido soubesse dos esquemas malignos de sua mãe, ele teria interrompido e ajudado Psiquê. Mas a ferida em seu ombro causada pela cera quente demorou para sarar. Finalmente, a dor diminuiu, e seu primeiro pensamento foi visitar Psiquê. Ela quase desmaiou de alegria ao ouvir sua voz e contou-lhe tudo o que havia acontecido desde aquela noite terrível que havia destruído sua felicidade.

'Seu castigo foi severo,' disse ele, 'e eu não tenho poder para salvá-la da tarefa que minha mãe lhe deu. Mas enquanto você a cumpre, eu voarei até o Olimpo e pedirei aos deuses que lhe concedam perdão e, mais ainda, um lugar entre os imortais.'

E assim, a inveja e a malícia de Afrodite e das irmãs malignas foram interrompidas, e Psiquê deixou a Terra para sentar-se num trono no Olimpo.